

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: O Globo.....	2
Título: Aumento de preços dos combustíveis à vista no Brasil.....	2
Título: Petróleo bate maior valor em 18 meses e anima Bolsas.....	3
Título: Efeitos do comércio	5
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	6
Título: Banco prevê reajuste da gasolina neste mês.....	6
Título: Técnica brasileira pode transformar bagaço de cana em carvão ativo.....	7
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	8
Título: Mais empresas migram do mercado cativo de energia para o livre em 2016.....	8
VEÍCULO: Valor Econômico	9
Título: Destaques	9
Título: Sem investimento, refino arrisca depender muito de importações.....	10
Título: Confiança em cortes da Opep fica mais baixa	12
Título: Recuperação do aço e do minério de ferro animam a Gasmig.....	14
Título: BP desiste de entrar na primeira onda de acordos no Irã	16
Título: Açúcar sobe com oferta menor e petróleo.....	17

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Ramona Ordoñez****Título: Aumento de preços dos combustíveis à vista no Brasil**

Petróleo subiu 17% em reais desde último reajuste, em 6 de dezembro.

“Se o preço do petróleo subir, a gente tem de reagir a este evento, que é o aumento do preço da commodity, sim. Se sobe, sobe; se desce, desce”, disse o presidente da Petrobras, Pedro Parente, em entrevista ao GLOBO no fim de dezembro. Diante da atual política da estatal de revisão mensal dos preços dos combustíveis, especialistas alertam que se pode esperar para breve novo reajuste. E defendem que a empresa deveria fazer as revisões de preços a cada dois ou três meses. De acordo com Flávio Conde, da Whatscall Consultoria, de 6 de dezembro — quando ocorreu o último aumento dos combustíveis — até ontem, o preço do barril de petróleo Brent aumentou 17% em reais, passando de R\$ 154,30 para R\$ 177,64. Em dólar, o valor pulou de US\$ 44,50 para US\$ 54,16. Já na costa do Golfo dos Estados Unidos, o preço da gasolina aumentou cerca de 12% e o do diesel, 7%.

Para Conde, a manutenção do preço do petróleo em torno de US\$ 60 o barril vai depender que, pelo menos, metade da meta de redução da produção proposta pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) seja atingida: — Vai ser uma prova de fogo para o presidente da Petrobras manter a política de revisão mensal. Por causa do momento difícil e do efeito cascata na economia que cada aumento provoca. O executivo disse que, por todos os efeitos na economia, a revisão dos preços dos combustíveis deveria ser trimestral. — A economia brasileira é indexada, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos onde os preços variam diariamente. E lá os preços da energia não afetam a inflação — afirmou Conde.

O economista-chefe da RC Consultores, Marcel Caparoz, também defende que a revisão dos preços dos combustíveis pela Petrobras deveria ter uma periodicidade maior, como a cada dois meses. — O petróleo e o câmbio são muito voláteis, então é mais justo realmente como a Petrobras está fazendo agora. Mas gera uma instabilidade a mais no mercado, no dia a dia das empresas, como as de frete e de ônibus. Isso provoca muita instabilidade no planejamento — comentou Caparoz. O economista também ressaltou que a economia brasileira é muito diferente da americana para que os combustíveis tenham tanta volatilidade de preço.

Segundo Caparoz, a Petrobras opera no mercado brasileiro quase como um oligopólio, o que faz os preços terem forte impacto na economia como um todo.

Em sua opinião, se a companhia mantiver sua política atual, a alta da cotação do petróleo no mercado internacional vai pressionar a Petrobras a fazer novos reajustes de preços. Segundo levantamento da RC Consultores, a cotação do petróleo W TI também aumentou 7,9% desde o último reajuste de preços até ontem. Caparoz alerta que o comportamento do petróleo é imprevisível. Se, de um lado, a Opep conseguir reduzir a produção e elevar os preços do produto, de outro pode estimular o aumento da produção do óleo e gás não convencionais nos Estados Unidos.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Rennan Setti

Título: Petróleo bate maior valor em 18 meses e anima Bolsas

Bovespa dispara 3,7%, com alta de 6% da Petrobras; dólar cai 0,6%, na contramão da tendência global.

As principais Bolsas globais subiram ontem em pregão marcado pelo otimismo provocado pelo comportamento do petróleo e por dados positivos sobre as economias de China, EUA e Alemanha. O petróleo chegou a atingir sua maior cotação em 18 meses ontem, primeiro dia de negociação da commodity no ano, com investidores reagindo à entrada em vigor do acordo para cortar a oferta global em 2%. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) foi a que melhor aproveitou o movimento, saltando 3,73%, aos 61.813 pontos, maior alta em quase dois meses. As ações da Petrobras fecharam com saltos de 6,35% (ON, com voto) e 5,73% (PN, sem voto), mesmo depois de o petróleo ter devolvido os ganhos no fim do pregão e fechado em queda.

Segundo analistas, a alta foi provocada por especulações de que a subida acumulada na cotação da commodity nas últimas semanas levará a companhia a reajustar seus preços a curto prazo. Além do petróleo, as ações também foram sustentadas pelo otimismo com a economia chinesa, cuja produção industrial alcançou a máxima em quase seis anos, segundo o Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês). Isso favoreceu ações de siderúrgicas, como Usiminas (5,15%) e CSN (5,16%) e também a Vale (5,51% na PN) — embora o minério de ferro tenha caído 1,22% ontem, a US\$ 77,91.

DESDE ACORDO, ALTA DE 25%

O otimismo também fez com que o câmbio local andasse na contramão do comportamento da divisa americana lá fora. O dólar recuou 0,66% ante o real, a R\$ 3,263 para venda. Em Wall Street, o Dow Jones avançou 0,6%, enquanto S&P 500 e Nasdaq subiram 0,85%. Na Europa, Londres avançou 0,49%. Os índices

subiram mais ao longo do dia, mas perderam força quando a valorização do dólar no mercado internacional fez o petróleo passar a cair. O barril do tipo WTI chegou a valer US\$ 55,24 pela manhã, maior valor desde julho de 2015, enquanto o Brent atingia US\$ 58,37, também seu maior valor desde aquele mês. De acordo com analistas, a valorização está relacionada ao acordo entre os membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e outros 11 países, incluindo a Rússia, para reduzir a produção global de petróleo em até 1,8 milhão de barris por dia. O acordo entrou em vigor em 1º de janeiro.

Desde o fim de novembro, quando ele foi anunciado, os preços do produto subiram cerca de 25%. Ontem, os investidores especularam sobre as chances de isso se concretizar. A confiança no acordo ganhou força com a indicação de autoridades de Omã e Kuwait de que seus países estariam tomando medidas para reduzir a produção. O Kuwait, membro da Opep, já reduziu sua produção em 130 mil barris por dia, para 2,75 milhões, segundo informou o jornal “Al-Anba”. Omã, que não é membro da Opep mas participa do acordo, está reduzindo a oferta em 45 mil barris por dia, segundo informou o Ministério do Petróleo a uma rede de TV local. Na semana passada, autoridades do país informaram a clientes que o objetivo é reduzir a produção em 5% em março.

— A expectativa é que o petróleo avance ainda mais, uma vez que os membros da Opep parecem estar cumprindo o acordado. Além disso, é inverno no Hemisfério Norte, que tende a consumir mais combustível por causa da calefação. Se a média da cotação do barril ficou entre US\$ 43 e US\$ 44 em 2016, este ano espera-se que fique em torno de US\$ 60 — previu Adriano Pires, do Centro Brasileiro de Infra Estrutura (CBIE).

Pires ressalva, porém, que a política energética de Donald Trump pode ser um empecilho se ele, de fato, tomar medidas para estimular a produção americana. A própria elevação da cotação da commodity levaria os produtores americanos de gás não convencional a acelerar sua oferta, o que tiraria fôlego do preço do barril. Apesar de ter atingido a máxima em 18 meses, as cotações fecharam em queda, por causa da valorização do dólar no mercado internacional, que atingiu o maior nível (1,01%) desde dezembro de 2002, após dados positivos da indústria americana. O WTI encerrou cotado a US\$ 52,33, queda de 2,58%, e o Brent perdeu 2,37%, para US\$ 55,47.

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Míriam Leitão e Alvaro Gribel****Título: Efeitos do comércio**

O forte saldo comercial do país é reflexo da recessão que derrubou as importações. Mas essa entrada de dólares ajudou a diminuir o déficit nas transações correntes, ao menor patamar desde maio de 2008. O ajuste externo produz vários alívios na economia. Segura o dólar, o que diminui a pressão sobre a inflação e permite a queda dos juros. Também facilita investimentos via captações de recursos no exterior.

O déficit em conta-corrente chegou a 4,51% do PIB em abril de 2015 e caiu para 1,12% em novembro de 2016, último dado divulgado. No passado, a escassez de dólar era o calcanhar de Aquiles da nossa economia. Desde a forte acumulação de reservas, no governo Lula, diminuiu bastante o risco de uma crise cambial. Mesmo assim, o país sabe que para enfrentar qualquer incerteza ou crise é melhor ter um alto volume de entrada de dólares através do comércio. A balança comercial sozinha produziu um superávit de US\$ 47 bilhões em 2016, o número mais alto da série histórica, que começou em 1989.

As importações caíram muito mais do que as exportações, e por isso o saldo foi tão alto. Enquanto as importações despencaram 20%, de US\$ 171 bilhões para US\$ 137 bi, as exportações caíram 3,2%, de US\$ 191 bilhões para US\$ 185 bi. Com isso, a corrente de comércio caiu 11%, o que é mais um dado que mostra a magnitude da recessão. O fato de as exportações terem caído tão pouco em contexto difícil, com quebra de safra na agricultura, mostra que houve grande esforço do exportador brasileiro, ajudado também pela alta do dólar.

O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) destaca alguns pontos positivos das exportações. Enquanto as vendas de produtos básicos recuaram 9,2%, em grande parte pela queda dos preços nos mercados internacionais da soja e do minério de ferro, as exportações de semimanufaturados subiram 5,7%, e as de manufaturados, 1,6%. (...)

As importações de combustíveis tiveram queda de 43% no ano, o que ajudou o balanço da Petrobras, mas a diminuição de 21% nos bens de capital mostrou que o ano foi de forte retração nos investimentos das empresas.

Esse ano, aumentarão as exportações do agronegócio, porque a expectativa é de uma safra maior, mas é importante que o setor de manufaturas continue reforçando sua capacidade de exportar, mesmo que isso signifique importar

mais também. O Brasil precisa aumentar sua corrente de comércio. Isso é que trará benefícios duradouros para a economia.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor: Mariana Carneiro

Título: Banco prevê reajuste da gasolina neste mês

O aumento do preço da gasolina no mercado internacional deve fazer a Petrobras reajustar novamente o combustível na bomba até o fim deste mês, segundo prevê o banco Credit Suisse.

De acordo com Iana Ferrão, analista do Credit, desde o mais recente reajuste feito pela Petrobras, em 5 de dezembro, a gasolina subiu 3,9% no mercado internacional.

Em sua nova política de preços, a Petrobras pretende vender gasolina no mercado brasileiro a valores próximos aos praticados no exterior.

Segundo cálculos do banco, nesta terça-feira (3), o preço da gasolina no Brasil estava 5,9% inferior ao do mercado internacional. As comparações desconsideram os impostos cobrados sobre combustíveis, o que muitas vezes deixa a gasolina brasileira mais cara para o consumidor.

"Há probabilidade alta de a Petrobras reajustar [a gasolina] já em janeiro", diz Ferrão. Ela ressalta que, no reajuste de dezembro, a empresa não zerou a diferença de preços ante o mercado externo.

A previsão do Credit Suisse é que o combustível fique 7% mais caro neste trimestre.

Segundo levantamento de Ferrão, a gasolina subiu no exterior no início do ano em todos os últimos 14 anos. Se a Petrobras seguir a tendência, reajustes serão inevitáveis.

A previsão é de sobes e descas ao longo do ano, mas a gasolina deverá fechar 2017 pelo menos 7% mais cara, com risco de superar 10%.

Os cálculos levam em conta o preço do barril de petróleo e a cotação do dólar.

Se ambos seguirem à risca a previsão do banco, a gasolina chegaria a dezembro com defasagem de 38% em relação ao mercado externo. "Sabemos que há incertezas [nas projeções]. Considerar um reajuste de quase 40% seria exagerado, por isso somos mais conservadores", afirma.

Nesse exercício, o preço da gasolina só fica mais barato com o dólar de R\$ 3 a R\$ 3,30 e mesmo assim com petróleo até US\$ 50. Hoje o barril do Brent está em US\$ 55,50.

Especialista em inflação, Ferrão prevê que, com isso, a carestia incomode mais em 2017 do que preveem o governo e os analistas. A previsão do Credit Suisse é que a inflação (medida pelo IPCA) feche o ano em 5,7%, acima do centro da meta do Banco Central (4,5%) e do que prevê a maioria dos analistas (4,8%).

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Ciências

Autor: Reinaldo José Lopes

Título: Técnica brasileira pode transforar bagaço de cana em carvão ativo

Transformado pela nanotecnologia, que manipula objetos na escala dos átomos, o bagaço que sobra da moagem da cana-de-açúcar pode dar origem ao carvão ativo, um dos principais componentes dos sistemas de purificação da água e do ar. O método, desenvolvido por brasileiros, também produz uma cobertura especial de partículas de prata no carvão ativo, com capacidade antimicrobiana (eliminando, por exemplo, bactérias nocivas da água).

"O trabalho surgiu a partir da demanda de uma usina de álcool, que tinha interesse em dar um destino mais adequado ao bagaço, de preferência produzindo algo com valor agregado", explica o químico Mathias Strauss, do LNNano (Laboratório Nacional de Nanotecnologia), que fica em Campinas (SP).

Com efeito, das mais de 600 mil toneladas anuais da safra brasileira de cana, um terço corresponde ao bagaço da planta após a produção de álcool e açúcar. Já existem iniciativas para usar esse excedente de matéria orgânica como fonte de energia ou para a produção do chamado etanol de segunda geração (obtido a partir das partes quimicamente mais "duras" da planta), mas em escala relativamente modesta.

Por outro lado, o bagaço seria uma matéria-prima interessante para a obtenção do carvão ativo (ou ativado), material produzido fora do país, a partir de fontes como cascas de coco ou ossos.

O primeiro passo para obter o carvão ativo é a queima incompleta da matéria-prima, seguida de um tratamento químico que produz no material queimado uma grande quantidade de minúsculas porosidades (no caso da pesquisa brasileira, da ordem de poucos nanômetros, ou bilionésimos de metro, de diâmetro).

Tais buraquinhos microscópicos no carvão ativo funcionam, grosso modo, como um sorvedouro, permitindo que partículas poluentes, em especial as moléculas orgânicas, sejam adsorvidas (ou seja, fixadas) na superfície do material, pelo qual possuem afinidade química. É óbvio que a capacidade de adsorção do material é limitada após certo tempo, é preciso trocá-lo.

Coube aos pesquisadores brasileiros otimizar um coquetel adequado para produzir as porosidades no bagaço de cana queimado, com a quantidade e o tamanho desejados para um carvão ativo eficiente. O trabalho rendeu o depósito de uma patente, em parceria com a usina de cana.

"Do nosso ponto de vista, no estágio de bancada, é uma tecnologia praticamente pronta. É preciso agora o interesse empresarial para que ela ganhe uma escala maior", diz Strauss. Enquanto isso não acontece, testes de campo da tecnologia já estão sendo feitos em território chinês, por meio de uma parceria organizada pelo Centro Brasil-China de Pesquisa e Inovação em Nanotecnologia.

Em túneis da rede viária da cidade de Xangai, o carvão ativo brasileiro está servindo para retirar parte dos poluentes que ficam parados no ar naquele espaço reduzido. Outras aplicações incluem o tratamento de esgoto e o de água para consumo humano.

A equipe do LNNano também descobriu como recobrir o carvão ativo com aglomerados de prata, que possuem atividade antimicrobiana. "Por ser uma tecnologia cara, é algo mais adequado para filtros domésticos ou aplicações médicas", diz o especialista em nanobiotecnologia Diego Martinez, que também participa da pesquisa.

Nesse caso a produção industrial do carvão ativo "turbinado" não está tão próxima porque é preciso analisar melhor os efeitos dos aglomerados nanométricos de prata sobre o ambiente. De fato, estruturas na escala nanométrica têm propriedades químicas pouco usuais e às vezes potentes, o que demanda cautela.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia / Colunas

Autor:

Título: Mais empresas migram do mercado cativo de energia para o livre em 2016

O número de empresas que optou por migrar para o mercado livre de energia em 2016 saltou para 2.303, ante 93 em 2015. Isso representa um aumento de 25 vezes na quantidade de pedidos aprovados, de acordo com a Câmara de

Comercialização de Energia Elétrica (CCEE). A maior parte das adesões, 91%, foi de consumidores especiais, ou seja, empresas com demanda entre 0,5 MW e 3MW e que são obrigadas a adquirir energia de Pequenas Centrais Hidrelétricas ou de fontes incentivadas especiais, como energia eólica, a biomassa ou solar. Assim, o mercado livre ampliou sua representatividade no consumo total de energia no Sistema Interligado Nacional (SIN), de 23,3%, em outubro de 2015, para os atuais 27%. Para este ano, a expectativa é ainda de crescimento da migração, porém em menor intensidade. Há 1.121 processos de adesão abertos para migrar do ambiente cativo para o livre, dos quais 1.044 são consumidores especiais, informa a CCEE.

Aneel autoriza início das operações na hidrelétrica de Santo Antônio

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) autorizou a entrada em operação de seis unidades geradoras da usina hidrelétrica de Santo Antônio, no rio Madeira (RO). De acordo com despacho publicado na segunda-feira, no Diário Oficial da União, cada unidade gera 69.590 kW, totalizando 417.540 kW de capacidade instalada. O início da operação comercial está liberado desde ontem, quando a energia produzida pelas unidades geradoras deverá estar disponível ao sistema.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

Greve dos petroleiros I

A diretoria da Federação Nacional dos Petroleiros (FNP) se reúne hoje para traçar um calendário de greve para a categoria. A entidade, que reúne cinco sindicatos de oito Estados diferentes, argumenta que, no dia 29 de dezembro, enviou ofício para a Petrobras solicitando nova rodada de negociações do acordo coletivo, mas que, até o momento, a área de recursos humanos da estatal não se manifestou sobre o assunto. A proposta apresentada pela estatal prevê reajuste salarial de 6% retroativo a setembro e mais 2,8% a partir de fevereiro. Os trabalhadores rejeitaram a oferta e contestam, ainda, a proposta da Petrobras de redução, opcional, da jornada de trabalho, em 25%, com redução proporcional no salário. Os sindicatos também criticam o programa de venda de ativos da empresa.

Greve dos petroleiros II

Petrobras e sindicatos estão em negociações salarial desde setembro. Às vésperas do Natal, os petroleiros chegaram a iniciar uma paralisação nas bases da estatal, mas o movimento foi suspenso no dia 26. Na semana passada, o Tribunal Superior do Trabalho (TST) negou pedido da Petrobras de mediação e conciliação pré-processual com os sindicatos. A empresa solicitou que fosse dado caráter cautelar ao pedido, alegando possível greve dos petroleiros, mas o vice-presidente do tribunal, ministro Emmanoel Pereira, negou a solicitação, argumentando que o tipo de pedido da empresa não conta com a previsão da cautelaridade. O pedido da Petrobras seguirá o trâmite normal e não será apreciado até 1º de fevereiro.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito e Renato Rostás

Título: Sem investimento, refino arrisca depender muito de importações

Sem perspectivas de investimento da indústria de refino e com as projeções de aumento no consumo de derivados do petróleo durante a próxima década, o Brasil corre o risco de uma dependência muito grande de importações, opinam especialistas. A Petrobras, virtual monopolista na área, não possui mais fôlego financeiro para expandir a capacidade e, com o programa de venda de ativos e a nova política de preços dos combustíveis, tenta atrair sócios para o setor.

Nos cálculos do Bradesco, as refinarias têm poder de atender à demanda nos próximos três anos, levando em conta a atual ociosidade próxima a 300 mil barris ao dia de processamento. O teto de produção de derivados seria de 2,4 milhões de barris, mas nas contas da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), o consumo doméstico vai superar esse nível em 2020. Em 2025, estimativas da EPE e do Bradesco apontam para 2,84 milhões de barris.

Se esse cenário que se desenha for confirmado, o banco aposta que a dependência brasileira de importações dará um salto considerável. Em um período de dez anos, até 2025, o déficit da balança comercial de derivados iria de 220 mil barris para 590 mil barris diários, projeta a instituição. Ou seja, produtos do exterior atenderiam por quase 26% da procura, algo que não foi observado nos últimos 45 anos.

"As preocupações com a maior dependência de derivados importados estão atreladas à relevância do setor para sustentar o crescimento da economia brasileira no longo prazo", escreveu a economista Priscila Trigo, do Bradesco, em relatório publicado no fim de 2016.

Segundo projeções da BR Distribuidora, controlada da Petrobras, o mercado de combustíveis deverá crescer 1,3% ao ano entre 2016 e 2021, totalizando 133,4 milhões de litros. Nesse mesmo período, o mercado de óleo diesel deverá crescer 2,3% ao ano, totalizando 61,4 milhões de litros, e o de gasolina C, vendida nos postos, recuará 2,1% ao ano, somando 37,6 milhões de litros. A queda prevista para o mercado de gasolina C se deve ao aumento moderado para a frota de veículos leves e ao aumento do mercado de etanol.

A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) estima que importações brasileiras de combustíveis deverão atingir de 1,14 milhão a 1,2 milhão de barris diários até 2030, a depender da conclusão, ou não, da refinaria do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro (Comperj). Desse total, a necessidade de importação de gasolina no fim da próxima década será de 408 mil barris diários. No caso do diesel, as importações no mesmo horizonte alcançarão de 424 mil barris diários a 483 mil barris diários, dependendo do Comperj.

Pelos cenários traçados pela agência do setor, seria necessária a construção de duas novas refinarias, além das conclusões da Refinaria Abreu e Lima (Rnest), em Pernambuco, e do Comperj, para que o país atingisse a autossuficiência no suprimento de derivados em 2030. A Petrobras, todavia, retirou do horizonte do Plano de Negócios e Gestão 2017-2021 a conclusão do segundo trem (linha de produção) da Rnest e da refinaria do Comperj. Os empreendimentos só sairão do papel nos próximos quatro anos se a estatal encontrar um sócio para desenvolver e aportar recursos nos projetos.

"Hoje, a Petrobras não tem capacidade financeira de realizar esses investimentos [em expansão do parque de refino]", crava Luciano Losekann, professor associado de economia da Universidade Federal Fluminense (UFF) especialista em energia. "Mesmo se a opção for capitalizar a empresa, há outras prioridades para alocar capital, no pré-sal, por exemplo. Assim, o modelo possível é atrair atores privados."

Na opinião de Marco Saravalle, da XP Investimentos, a estatal tem em suas mãos a chance de transformar o mercado de derivados. Ele crê em ganhos de eficiência em toda a cadeia caso companhias que são especialistas na área, de fato, se interessem pelo refino. "O grande recado do Pedro Parente [presidente da Petrobras] é focar naquilo que a empresa é boa, tecnologia e engenharia para exploração e produção", afirma o analista.

Um problema do parque de refino atual seria a baixa eficiência. José de Sá, especialista em petróleo da consultoria Bain & Company, diz que apesar de a América Latina ser uma região refinadora e exportadora líquida de petróleo, não tem feito jus a essa condição natural. "As refinarias na região têm sido mais

caras e demorado mais do que o previsto para serem implantadas, o que perpetua esse 'gap' de importação na região como um todo", comenta.

Questionado sobre a possibilidade de novos investidores entrarem no mercado de refino brasileiro, ele explicou que um obstáculo no momento é a grande necessidade de recursos, em um momento em que o segmento de "downstream" (refino e abastecimento) está com rentabilidade em queda. Mas, salientou, ativos podem ser interessantes para determinadas companhias assegurarem mercado. "Se a capacidade vier associada à rede de distribuição no Brasil, seria quase um mercado cativo para um player internacional colocar o seu petróleo", acrescenta.

Na visão do professor Losekann, o histórico recente de controle de preços dos combustíveis também dificulta atração de interessados. Mas, para ele, o assunto tem de ser tratado como questão de segurança energética. "[Se não houver investimentos] o Brasil vai exportar petróleo para importar derivados."

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Renato Rostás

Título: Confiança em cortes da Opep fica mais baixa

O novo ano começou e com ele também se inicia o período em que a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e outras nações relevantes no mercado internacional prometeram cortar sua produção para impedir a queda dos preços da commodity. Durante a manhã e até o início da tarde de ontem, os investidores apostaram forte nessa possibilidade e o petróleo disparou, mas o ceticismo atingiu o mercado e a cotação fechou o dia em queda.

Para o banco alemão Commerzbank é importante acompanhar o volume de barris produzidos já em dezembro para se ter uma ideia se, de fato, o cumprimento do acordo fechado no ano passado será difícil como a maioria dos especialistas acredita. "Claramente, a fé nos cortes de produção que serão implantados pela Opep e por alguns países de fora da Opep é suficiente para mover montanhas", disse o banco em relatório. "Mas agora essa fé será duramente testada."

O cartel mundial do petróleo e outros produtores significativos, como a Rússia, concordaram em reduzir sua produção em quase 1,8 milhão de barris por dia durante o primeiro semestre deste ano. As operadoras russas, contudo, voltaram a bater recorde de atividade no último mês de 2016, com 11,2 milhões

de barris diários. "Duvidamos que os russos cumpram a promessa", opinou o Commerzbank.

Além disso, algumas nações não foram incluídas no acordo. A Líbia é uma delas e atualmente já produz 685 mil barris diários, um patamar que se encontra acima do observado no fim do ano. A ideia do país é atingir 900 mil barris em março, o que, garante o banco alemão, aumenta ainda mais os riscos de um excesso de oferta mais prolongado.

Ontem, os especuladores ajudaram a levar o Brent para o patamar de US\$ 59, observado pela última vez há um ano e meio, impulsionados pelo início desse período de cortes na produção. Ao fim do dia, contudo, o barril para entrega em abril - segundo contrato - caiu 2,3% na ICE Futures de Londres, para US\$ 56,14. Já o WTI para março recuou 2,5% na Nymex, de Nova York, e fechou em US\$ 53,29.

Para o banco suíço Julius Baer, dificilmente a promessa se cumprirá. Por isso a instituição crê que a sustentação aos preços mais altos é fraca e vai durar pouco. Norbert Ruecker, analista da instituição, opina que o acordo tem pouca chance de trazer um impacto significativo ao mercado internacional de petróleo.

"O cumprimento das cotas da Opep é historicamente baixo e uma oferta relevante de países como Líbia e Nigéria é esperada no curto prazo", escreve o analista. Nigéria também ficou de fora do consenso atingido pelo cartel e outros exportadores. Além disso, uma cotação alta demais anima os produtores do xisto americano a voltarem ao mercado, elevando o excesso de oferta.

No Brasil, a Petrobras, que vinha durante o ano passado reagindo mais positivamente à evolução do petróleo - e vice-versa -, não acompanhou a commodity desta vez. As ações ordinárias da empresa subiram 6,4% na BM&FBOvespa, para R\$ 17,58, e as preferenciais avançaram 5,7%, para R\$ 15,50.

Mas segundo Marco Saravalle, da XP Investimentos, a tendência é que no longo prazo o comportamento dos papéis siga de perto o petróleo, especialmente pela mudança na política de preços de combustíveis. Em janeiro, o analista vê pouco espaço para novo reajuste - no máximo 2% para a gasolina. Atualmente, os preços internos encontram-se próximos aos praticados no exterior, diz. No mercado, contudo, alguns analistas já falam de possibilidade de aumento em até 8% na gasolina e próximo a 4,5% no diesel.

Com a decisão da diretoria de manter a paridade internacional, a correlação entre ação e petróleo subiu. No segundo semestre do ano passado, ela ficou

positiva em 45% - ou seja, chance maior de o papel subir ou cair junto com o petróleo. O BB Investimentos acredita que essa taxa deva ainda aumentar. Mas nos últimos meses, o índice ficou negativo em mais de 35%.

Para Saravalle, isso se deve à quebra de expectativa do mercado em relação ao Brasil como um todo. "As projeções foram sendo revisadas para baixo e, com a crise política, o ânimo do investidor diminuiu", comenta o analista da XP. "Aqui na corretora conversamos com mesas de operação do exterior e, no geral, quem falava que estava pronto para investir no país agora decidiu esperar mais um pouco. É uma percepção de risco maior, e é difícil isolar a Petrobras do mercado brasileiro. Ela simboliza uma confiança no país."

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Marcos de Moura e Souza

Título: Recuperação do aço e do minério de ferro animam a Gasmig

A empresa de distribuição de gás de Minas Gerais, a Gasmig, começa o ano com a perspectiva de um aumento das vendas para mineradoras e siderúrgicas. Os preços internacionais do minério de ferro melhoraram e a diretoria da companhia aposta que isso tende a reaquecer a demanda por combustível por parte desses dois setores que são os mais importantes clientes da empresa mineira.

Mas o ano também começa em um ambiente de dúvidas em relação ao futuro da Gasmig. Controlada por outra estatal mineira, a Cemig, a Gasmig foi incluída em 2016 na lista de possíveis ativos a serem privatizados.

Não houve nenhuma negociação até agora e como a direção da Cemig foi mudada em dezembro, não está claro ainda se o novo presidente, Bernardo Salomão, manterá o plano de se desfazer da distribuidora de gás.

"Não veio nenhuma nova diretriz para a companhia. Estamos aguardando uma nova orientação assim que o presidente se inteirar de todos os assuntos para ver o que fazer em relação à Gasmig", disse ao Valor, o presidente da estatal de gás, Eduardo Andrade. Ele aposta no potencial de crescimento do negócio de gás em Minas e define a Gasmig como "um ativo interessante".

Andrade está no comando da empresa desde o início de 2015. Em 2015 e em 2016, com o país em recessão aguda, clientes da empresa reduziram suas compras de gás. Alguns passaram a comprar um terço ou um quarto do que compravam há dois ou três anos.

A própria Gasmig consumiu menos gás da Petrobras do que prevê o contrato. Tanto em 2015 quanto em 2016, as retiradas da Gasmig ficaram abaixo do limite do chamado "take or pay". A Gasmig tenta renegociar o contrato com a Petrobras para reduzir os volumes mínimos de aquisição.

Por conta da queda nas vendas para mineradoras e siderúrgicas, disse Andrade, a Gasmig deve ter uma pequena queda no lucro líquido em 2016 em relação aos R\$ 117 milhões de 2015. A expectativa, segundo o executivo, é que o Ebitda em 2016 se mantenha mais ou menos no patamar de 2015, em R\$ 213 milhões. "Estamos até excedendo os compromissos firmados com a Cemig", disse.

Depois dos dois anos com a economia andando para trás, a estatal de gás começa a registrar sinais de mudança, segundo o executivo. "Nós temos uma expectativa positiva de ampliação da demanda de gás em 2017 pelo setor de mineração e siderurgia muito em função de uma possível retomada sustentada do mercado internacional e dos preços do minério de ferro que estão melhorando", disse.

"E em relação a outros setores industriais também temos uma expectativa de que haja uma recuperação, mesmo que não seja ainda tão representativa, mas que leve a uma retirada maior de gás do que houve em 2016."

Em novembro, a Gasmig assinou contrato para atender, a partir de 2018, a italiana Verallia, que está instalando uma fábrica de embalagens de vidro em Jacutinga (MG). Outros dois contratos estão em fase final de negociação com fábricas que também estão investindo no Estado. Juntos, os três clientes poderão adquirir quase 100 mil metros cúbicos diários.

"Para 2017, nossa expectativa é de um crescimento muito significativo no volume de investimentos, muito em função de contratações futuras, principalmente para 2018 desses três contratos, de expansão mercado comercial e residencial", disse o presidente da Gasmig. Em 2015, os investimentos foram de R\$ 59 milhões. Como reflexo da crise, em 2016 esse valor caiu para R\$ 52 milhões.

Em 2016, a empresa comercializou, em média, 2,4 milhões de metros cúbicos de gás por dia para o mercado chamado de não-térmico, ou seja, para os setores de mineração, siderurgia, industrial, comercial e residencial. Esse mercado representa 83% das vendas. Desse percentual, a maior parte vai para mineradoras e siderúrgicas. O mercado térmico, das termelétricas, soma outros 17% das vendas.

A empresa já não tem mais em seu radar o projeto de construção de um gasoduto que abasteceria uma fábrica de fertilizantes que a Petrobras começou

e abandonou em Uberaba (MG). A ideia de uma fusão com a espanhola Gas Natural Fenosa também foi abandonada.

Em dois anos, a Gasmig saiu de um número acanhado de apenas 1.600 clientes comerciais e residenciais para quase 16 mil atualmente. É um número ainda irrisório comparado com o de duas seculares empresas do país. A Comgás, de São Paulo, atende a mais de 1,5 milhão de clientes e a CEG, do Rio de Janeiro, a mais de 1 milhão. A Gasmig começou apenas em 2011 sua política de expansão da rede de gás para residências e comércios e sua rede para esse mercado ainda é restrito a Belo Horizonte, Nova Lima e Poços de Caldas. A direção fala em atrair mais 20 mil clientes até o fim do ano e chegar ao fim de 2018 com 60 mil a 70 mil. A meta anterior era de 80 mil. "Queremos manter o percentual de rentabilidade mesmo com um volume menor".

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Andrew Ward | Financial Times

Título: BP desiste de entrar na primeira onda de acordos no Irã

A BP optou por ficar fora da primeira onda de contratos para explorar reservas de petróleo e gás no Irã, depois do fim de parte das sanções internacionais contra o país, diferenciando-se de suas duas maiores rivais europeias, a Royal Dutch Shell e a Total.

O governo iraniano assinou uma série de acordos com grupos petrolíferos estrangeiros nas últimas semanas, incluindo a francesa Total e a Shell, e planeja outorgar mais contratos no início de 2017, em meio à intensificação dos esforços de Teerã para atrair os investimentos estrangeiros que tanto precisa.

A BP, que tem raízes na Anglo-Persian Oil Company, responsável pela primeira descoberta de petróleo no Irã, em 1908, preferiu, no entanto, adotar uma abordagem mais cautelosa antes do início do governo de Donald Trump, uma presidência que ameaça trazer novas tensões diplomáticas com o Irã.

A BP não se inscreveu para tomar parte do próximo leilão de direitos de exploração e produção no Irã, segundo fontes a par do assunto, e não tem planos imediatos para assinar acordos separados, como os levados adiante por Shell e Total.

As fontes disseram que o principal motivo para a petrolífera ficar de fora foi comercial. "É uma questão de onde os melhores retornos sobre os investimentos podem ser obtidos e a BP tem oportunidades atraentes de sobra em outros lugares", disse uma das pessoas.

As fontes, entretanto, também admitiram que a continuidade de algumas sanções americanas contra o Irã, assim como a perspectiva de uma posição mais severa com a posse do governo Trump contra o país, também representam um obstáculo em particular para a BP.

Embora tenha sede no Reino Unido, a BP é a petrolífera europeia cujas operações têm mais exposição aos Estados Unidos. Os donos de aproximadamente de 40% de suas ações são investidores americanos, assim como cerca de 30% de seus funcionários, incluindo o executivo-chefe da empresa, Bob Dudley.

Cidadãos americanos estão proibidos de atividades comerciais no Irã sob sanções unilaterais de Washington contra Teerã que não foram levantadas. A BP teria de criar uma estrutura separada de governança, excluindo Dudley e outros executivos americanos, para administrar quaisquer investimentos no Irã, segundo pessoas que tomaram conhecimento do assunto.

Grupos petrolíferos americanos, como a ExxonMobil e a Chevron, até agora ficaram de lado no processo de abertura do Irã. A BP deu alguns passos preliminares para reconstruir seus laços com o Irã - como a reabertura de um escritório em Teerã e a aquisição de um carregamento de petróleo iraniano em outubro -, mas de forma mais lenta que suas rivais não americanas. A BP não quis comentar as informações.

O Irã tem a segunda maior reserva de gás do mundo e a quarta maior de petróleo, de acordo com números da Agência de Informações sobre Energia dos EUA (EIA, na sigla em inglês), mas tem extrema necessidade de capital e de experiência externos para modernizar sua infraestrutura envelhecida.

O país almeja atrair aproximadamente US\$ 200 bilhões em investimentos na área de petróleo e gás somente nos próximos cinco anos, depois do acordo assinado em 2015 com as maiores potências mundiais para limitar seus planos nucleares em troca do levantamento de sanções multilaterais.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas / Agronegócios

Autor: Cleyton Vilarin

Título: Açúcar sobe com oferta menor e petróleo

Os preços do açúcar registraram ontem a maior alta desde 16 de setembro passado na bolsa de Nova York em meio às perspectivas de déficit na oferta mundial, ao encerramento precoce da safra indiana e aos sinais de alta do petróleo.

O petróleo chegou a atingir o maior valor em mais de um ano ontem nos EUA, reduzindo as perspectivas de uma safra mais açucareira nos próximos anos. Isso porque a alta do combustível tende a elevar a demanda por etanol.

Com isso, os contratos de açúcar com vencimento em maio subiram 87 pontos (4,5%), para 20,12 centavos de dólar a libra-peso. "Terminamos a última safra com déficit em setembro e a perspectiva para 2017 também é de déficit. Só em setembro de 2018 é que poderíamos ter um superávit", disse Bruno Lima, da FCStone.

Segundo ele, com o avanço da atual safra, a oferta mais apertada tem ficado mais evidente, levando alguns especuladores a retomar suas posições em Nova York e dando novo fôlego às cotações. "É preciso lembrar que os fundos não estavam mudando suas apostas, estavam simplesmente reduzindo e realizando lucros. Agora eles têm a oportunidade montar mais uma posição, mas ainda em cima de fundamentos que tendem a se concretizar", acrescentou.

Na Índia, a associação local de usinas avalia que 25 das 147 unidades de Maharashtra, no oeste do país, pararam de moer cana até o fim do ano passado, com uma produção de 2,53 milhões de toneladas de açúcar ante 3,7 milhões de toneladas no mesmo período de 2015. Segundo Lima, na Índia, algumas usinas pararam de moer com um mês e meio de safra, o que evidenciou os problemas de oferta. Ele citou ainda a liquidação dos estoques na China. "[Essa venda] é uma tentativa de controlar preços que não está sendo tão efetiva, indicando que em algum momento eles terão que voltar a comprar", disse o analista.

MME / ASCOM